



v.13, n.27, 2016

Extra

Dossiê Teoria Crítica

**IDEOLOGIA ALEMÃ: A PRODUÇÃO DO MITO NA TEÓRI-
CA DO FASCISMO EM W. BENJAMIN E S. KRACAUER**
[GERMAN IDEOLOGY: THE PRODUCTION OF MYTH IN
THE THEORY OF FASCISM IN W. BENJAMIN AND S.
KRACAUER]

Robson Breno Dourado de Araujo
Mestrando em Filosofia pela UECE
E-mail: robson.araujo@aluno.uece.br

RESUMO

Este texto discute a constituição ideológica da intelectualidade alemã no período pós Primeira-Guerra tal como exposto por Walter Benjamin e Siegfried Kracauer. Inicialmente, apresentamos o mote formal da produção literária de Ernst Jünger e do Círculo Tat, analisados pelos autores, respectivamente, e as condições de emergência da “superestrutura das relações materiais” como posicionamento político capaz de fundar o mito da germanidade que alicerça o novo nacionalismo de então. Desta feita, tematiza-se o modo como tal produção intelectual gerencia a ideia do herói de guerra e do Estado-Povo pervertendo a experiência da guerra de trincheira sobrepondo-lhe uma miragem.

PALAVRAS-CHAVE

Ernst Jünger; Círculo Tat; Ideologia

ABSTRACT

This text discusses the ideological constitution of the German intelligentsia in the post WWI period as outlined by Walter Benjamin and Siegfried Kracauer. Initially, we present the formal mote of the literary production of Ernst Jünger and the Tat Circle, analyzed by the authors respectively, and the emergence conditions of the “material relations superstructure” as a political position capable of founding the myth of Germanity that underlies the new nationalism of that time. That way, one thematize the way in which such intellectual production manages the idea of the war hero and the People-State perverting the experience of trench warfare by overlapping a mirage.

KEYWORDS

Ernst Jünger; Tat Circle; Ideology

Este estudo pretende pensar uma articulação acerca da formação ideológica da teoria política no Nacional Socialismo Alemão, em W. Benjamin e S. Kracauer, discutindo, no interior dessa análise, a produção de uma linguagem como distorção (*Verzerrung*) do passado, na medida em que, o que aparece como elemento constitutivo desse discurso é precisamente um retrato mítico como superestrutura que “pretende” organiza o presente, isto é, nomeando o passado não a partir da sua experiência real, mas já mediado pela glorificação do mito. Tal esforço nos é possibilitado, por um lado, pelas análises de Benjamin sobre a Teoria do Fascismo Alemão, na medida em que aí é apresentado - a partir de uma investigação da coletânea *Krieg und Krieger* de E. Jünger – sob que condições tais discursos sobre a guerra de materiais (*Krieg der Materialschlachten*), o princípio fundamental que a organizara não comparece em sua verdade mais radical, isto é, a produção técnica de uma morte universal (*Welt-Tods*) cuja consequência é a redução da vida a uma substância matável que a destrói “trocando-a pela ideia”, dando lugar à exaltação heroica da experiência da guerra como destino trágico que cinde a ação e o saber, ou seja, conduzindo o passado a uma vontade de não saber (*Nichtwissenwollen*) destituindo, assim, a ação de sua exigência de ser sabida. Por outro lado, Kracauer analisando a produção teórica do *Die Tat* – periódico alemão de veiculação intelectual Nacional socialista – acena para a construção mítica do Estado-Volk como conceito político capaz de livrar uma combalida Alemanha do pós-guerra das ameaças marxistas e do liberalismo econômico, na medida em que substituiria a primazia da economia dos Estados modernos liberais, pela primazia do Estado, instituindo uma específica relação indivíduo-Estado como uma imbricação apropriada para a condução de um mito fundamental.

Assim, este duplo esforço localiza seu ponto de confluência na medida em que o percurso que Benjamin aponta como o da fuga de ideias (*der Ideenflucht*) que sobrepuja a ação heroicizada ao saber que dissolve seu caráter ideal é precisamente o que se condensará no “mito da nação”, propalado pela intelligentsia alemã do Círculo Tat, como a realização mais acabada do heroísmo sinistro, mortal e cinzento como aço¹ de que Benjamin nos fala. A exigência dessa hipertrofia da ideia é justamente a de resgatar a noção de destino mítico como núcleo racional da Teoria, sob a consequência de ocultar o conhecimento, em última análise, o conhecimento da obscenidade da morte produzida.

4

Nesse sentido, Benjamin acena, em primeira instância, para a moldagem da produção acelerada de instrumentos técnicos na civilização moderna pelo advento da primeira grande guerra, ou seja, interessa a ele insistir como que a dupla semântica da palavra técnica que compõe a dimensão da atividade humana é apropriada como instrumento da tecnologia de guerra em cujo enredo predomina a produção e reprodução de materiais que se justificam pela existência mesma da guerra. Isto é, a lógica que organiza a técnica configurada pela dinâmica bélica é ela mesma determinada pela forma do ordenamento cultural moderno, no entanto, restando seu complemento arbitrário, a incapacidade de sustentar moralmente o seu valor, naturalizando-se, desta feita, no interior da ordem social como copartícipe da dimensão espiritual humana.

1 BENJAMIN, 1994, p. 67.

É sob este cenário que a intelectualidade da República de Weimar representada pela coletânea de E. Jünger e pelo Círculo Tat fala da experiência de guerra e do mito do Estado total. Ela narra a vivência do front a partir de um entusiasmo pubertário que omitia a afinidade perversa entre técnica e armamentismo em nome de uma vivência originária (Urerlebnis) reduzindo a materialidade do horror a adornos poéticos cuja estilística transformava a crueza da barbárie em culto da coragem. A “omissão sintomática” de que Benjamin nos fala não se assenta na negação radical dos eventos mais crus da zona de guerra, trata-se ao contrário de remanejá-los de sua verdade histórica, isto é, do realismo da experiência, para distorcê-lo numa estética da violência, um “l’art pour l’art”. O influxo dessa autonomia do ideal frente o real é a supressão, em sua linguagem, da consequência maior da guerra imperialista, qual seja: a indeterminação da morte, isto é, fica nivelada a extensão da matabilidade. “a guerra de gases revoga a distinção entre a população civil e combatente (Unterscheidung zwischen ziviler und kampfätiger Bevölkerung), e com ela desaba o mais importante fundamento do direito dos povos (Völkerrechts).”²

A relação do homem com a técnica será enfatizada por Oswald Spengler, um dos mais notórios contribuidores da revista Die Tat, como potência salvacionista do homem moderno. Em *Der Untergang des Abendlandes*,³ analisando o processo cíclico de surgimento e declínio dos grandes povos, Spengler aponta para o ocaso inevitável das nações do Ocidente moderno, assim como historicamente decorreria com os grandes impérios. No entanto, ressalta uma particularidade própria ao Ocidente como a alternativa a sua fatídica decadência: a produção técnica como inerente a natureza humana. A técnica moderna é aqui pensada não como trabalho humano submetido à lógica autônoma da produção, mas como atividade humana semelhante à atividade animal no esforço pela vida, guardando a diferença que o homem é criador de sua própria atividade a partir da vontade. O homem moderno fundaria, nesse sentido, uma “cultura Fáustica que representa o triunfo do pensamento puramente técnico sobre os grandes problemas.”⁴

Essa construção imaginária da germanidade (Deutschheit) é o que dará corpo à noção de povo (Volk) com os intelectuais da classe média alemã na revista Die Tat, como aponta Kracauer, enquanto conceito ético da totalidade, isto é, que centraliza a idealidade da substância política da nação, assim, estando além e opondo-se, por um lado, à multiplicidade de indivíduos própria à concepção de comunidade no liberalismo, e, por outro, a noção moderna de massa. Trata-se, portanto, de uma unidade entre a pessoa e nação que se estenda à integridade dos espaços dissolvendo a composição monolítica da família no Estado liberal. Em linhas gerais, o povo é o que Hans Zehrer - retomando

2 BENJAMIN, 1994, p. 63. Na edição alemã, 1991, p. 240.

3 SPEGLER, 1972, p. 20. “Nós, homens da cultura europeia ocidental, [com nosso sentido histórico] um fenômeno precisamente definível entre 1000 e 2000 d. C., somos a exceção e não a regra. A história universal é nossa imagem do mundo, não a imagem da humanidade.” “Wir Menschen der westeuropäischen Kultur — einem genau abgrenzbaren Phänomen zwischen 1000 und 2000 n, Chr. — sind die Ausnahme und nicht die Regel. Weltgeschichte ist unser Weltbild, nicht das der Menschheit.” (Tradução nossa).

4 SPENGLER, 1993, p. 97.



Carl Schmitt como um dos pilares teóricos do periódico – nomearia como Estado total.⁵

Assim, nessa confluência, a poética da guerra de E. Jünger ao recusar-se ao realismo da narração não prescinde da fidelidade historiográfica com os eventos do passado, isto é, uma narração positiva e alheia à personificação, ao contrário, a áspera descrição dos acontecimentos é realizada aos detalhes, o que não é elevado à dignidade da linguagem é exatamente o estranhamento frente a esses fatos. “Na luneta de sua carabina, aparecia a cada duas horas, por uma fração de segundos, a cabeça de uma sentinela inglesa.⁶” Ora, que aparece aí como elemento distorcido é a relação entre conteúdo real e forma narrativa, não porque no relato o referente externo assuma uma cifra distinta, mas porque o que é apresentado na linguagem da batalha de materiais é o próprio referente celebrado como patrimônio da cultura, dispensando o horror da dignidade de seu nome. Isso será levado a efeito, *mutatis mutandis*, no Círculo Tat, pela crítica da razão como ferramenta do liberalismo. A resposta de Zeher, segundo Kracauer, para a razão liberal é opor-se a ela com sua própria antípoda; o mito será a arma contra a razão e a via capaz de garantir a experiência ideal da grande nação. Assim, a tarefa para o futuro propalada pelos soldados do novo nacionalismo e pela inteligência alemã é a criação de uma comunidade que estampe a égide do mito do Povo.

Assim, a investida de Kracauer vai em direção de interrogar se o conceito fundamental de Povo do Círculo Tat faz justiça à realidade substancial. Ele apontará que a noção mítica de nação mais se configura como anseio que como experiência real, ou seja, funda-se como pressuposto a ser reivindicado como fim último que como ordem concreta do mundo. “Uma substancialidade ou existe ou não existe. Aquele que emprega tal conceito de substancialidade sem tê-lo atualmente em mãos, não o conquista por meio do conceito, mas revela algo totalmente diferente: ou seja, que o conceito é pura reação.”⁷ É precisamente sob essa lógica do alheamento do real em nome do ideal que a Teoria, segundo Kracauer, define conceitos universais que pretendam abranger a substância política pela via da abstração intelectual.

Em ensaio publicado em 1930, *Die totale Mobilmachung*, Jünger apresenta o núcleo do que constituiria o desenvolvimento da tecnologia de guerra confrontando o caráter mortífero da nova maquinaria em relação à experiência das guerras passadas.⁸ O soldado da guerra de 1914 também se distinguira dos soldados de outrora, ele era o reflexo dos operários que no interior das fábricas produzia armamentos e munições, outorgando, assim, no final da circulação, o valor de uso da produção, a saber: a morte. O campo de batalha tornara-se a realização concreta das fábricas de armas e sua extensão. Eis o que

5 SCHMITT, 2014, p. 134.

6 JÜNGER, apud WILLE BOLLE, 2000, p. 211.

7 KRACAUER, 2009, p. 131.

8 JÜNGER, 2002, p. 198. “Nós tocamos levemente no lado técnico da mobilização total, cujo aperfeiçoamento pode ser seguido desde os primeiros recrutamentos empreendidos pelo governo da Convenção, desde a reorganização das forças armadas promovida por Scharnhorst, até os programas de armação dinâmica dos últimos anos de guerra, nos quais os países se transformaram em fábricas gigantescas que produziam exércitos em esteiras rolantes, para enviá-los, dia e noite, aos campos de batalha, onde um consumo bélico, que se tornou igualmente muito mecânico, assumiu o papel do consumidor mercantil.”



Jünger nomeara como a “mobilização total”. Não por acaso, no mesmo período, a famosa virada (Kehre) de Heidegger em direção da técnica dá-se precisamente pelo diálogo interno com a obra de E. Jünger. A noção de Estado ditatorial pensada por este a partir de uma urbanização tecnocrática é exatamente o que, tomará corpo em *Das Rektorat*, 1933, como a forma política que melhor se adapta a essência ontológica do homem, ou seja, o que Heidegger encontrara como a “grandeza interior” do movimento fascista é precisamente a união entre homem moderno e tecnologia.

O que Ernst Jünger quer dizer com os conceitos de dominação e forma do trabalhador, e que ele vê à luz nessas ideias, é o domínio universal da vontade de poder dentro da história planetária. Hoje, tudo é parte dessa realidade, quer se chame comunismo, fascismo ou democracia mundial. Do ponto de vista dessa realidade da vontade de poder que eu vi, então, o que é.⁹

De modo análogo, Kracauer sinalizará para o caráter integrativo que o trabalho desempenharia para os intelectuais do Reich; ele é a forma de imbricação do indivíduo na estatalidade (Staatlichkeit), integrando-o ao todo.¹⁰ Assim, o Estado assume a forma da organicidade autárquica na medida em que seus elementos juntam-se para constituí-lo. A concepção de operário de E. Jünger, (Arbeiter) que em nada se assemelha a noção marxista de sujeito da história, incorpora a necessidade das sociedades industrializadas como o protótipo para a realização ativa da produção.

Assim, retomando a esteira de Benjamin, importa a ele insistir sobre o caráter ideológico dessa união, não por acaso nomeada como idealismo alemão, resgatando a pontuação de Marx acerca do processo de vida histórico virado de cabeça para baixo. A intuição demarcada por ele nos precisa que o caráter heroico que suplanta o verdadeiro nome das coisas - sobretudo mobilizado pela perda da guerra - em detrimento da conversão da experiência do front em Belo artístico, pretende eternizar a guerra sob uma ilusão de memória, isto é, numa recusa em reconhecer a monstruosidade das trincheiras substituindo-a por um afeto contrário a sua verdade, desligando-se, assim, da realidade, ela mesma em sua concretude, e ao mesmo tempo, da responsabilidade sobre ela, mas mais notadamente porque perder a guerra significaria não possuí-la como herança, como soldo de batalha. É preciso resignificá-la elevando-a a boa memória para defender-se da perda insuportável; “o vencedor conserva a guerra, o derrotado deixa de possuí-la; o vencedor a incorpora a seu patrimônio, transforma-a em coisa sua, o vencido não a tem mais, é obrigado a viver sem ela”¹¹, metamorfoseando a derrota em triunfo.

Deste modo, a eternização da guerra aparece como uma apoteose do destino trágico. O soldado é a figura ética do herói que incorpora a tipicidade ideal da germanidade assumindo, portando, a necessidade da ação e privando-se da consciência histórica. A injunção clássica do destino trágico que constitui a contradição entre a finitude do indivíduo enquanto vontade livre (culpado) e a infinitude da ordem causal do destino é anulada

9 HEIDEGGER, 1990, p. 485. (Tradução nossa)

10 KRACAUER, 2009, p. 132.

11 BENJAMIN, 1994, p. 65.



pela delegação da culpa a generalidade, diz Benjamin: “é justamente a derrota que é mobilizada pela “germanidade”. Podemos falar em uma última fase porque as tentativas de confrontar-se com a perda da guerra registraram uma clara evolução. Elas começaram com a tentativa de transmutar a derrota numa vitória interna, através da confissão de uma culpa generalizada para toda a humanidade.” ¹²

Isso se coaduna com a citação feita por Benjamin de seu amigo Florens Christian Rang pontuando que, ao camuflar o horror com a ideia, o edifício intelectual alemão desloca o saber acerca do horror ao não sabê-lo enquanto horror, ou seja, a consequência dessa determinação não se caracteriza pela autorização da ação porque ela não fora sabida, mas justamente sabendo-a e assumindo a necessidade ética do destino é que ela é efetivada, ou seja, a conduta do soldado, o herói de guerra ilustrado na coletânea de E. Jünger, não adota a relação conflituosa entre ação e saber próprias ao clássico destino trágico: ele sabe, por isso não age; mas ao contrário, é justamente por saber que sua ação é outorgada enquanto uma requisição ética que ela se justifica: ele sabe, e por isso mesmo o fez.

Nesse sentido, o que é concebido por Rang como Nichtwissenwollen, segundo Benjamin não se aplicaria a ação enquanto tal, uma vez que ela é a própria justificativa da constituição do mito do herói, mas precisamente a nomeação do horror como horror, dissimulando o realismo da experiência da guerra numa abstração metafísica. É desta forma que o destino e o heroísmo metaforizam o mote bíblico de Gog e Magog¹³ como personificação heroica da nação. “Com lança-chamas e trincheiras, a técnica tentou realçar os traços heroicos no rosto do idealismo alemão.”¹⁴ Assim, a obra de E. Jünger assume deste modo a forma de um condottiere para o novo nacionalismo enquanto dirigente da classe dominante; ela traça o perímetro do tipo ideal do imperiale Führer que transmuta o holocausto em fetiche. Mesmo líder que, na elite espiritual do Círculo Tat é almejada na latência do Povo; “no momento em que a primeira palavra de comando severa, mas justa, de uma vontade realmente pessoal atingir o povo alemão, as pessoas entrarão em formação e cerrarão fileiras.”¹⁵

Aqui, a intuição de Benjamin converge com a de Kracauer. O aparato conceitual sobre o mito do Estado total no Círculo Tat é uma tentativa de atender as exigências da própria classe média alemã, é ela quem reivindica o desejo do Estado encontrando nessa ideologia a saída contra a sua proletarização, insistindo na sua diferenciação da categoria de assalariado, e contra o liberalismo e a sua condição de desamparo frente à crise econômica no pós-guerra. Assim, diante de tais condições, a classe média não vira outra alternativa senão a de apoiar uma nova consciência que se delegasse como guardião de suas tradições e seus ideais.

12 Idem, p. 65.

13 Referência um tanto obscura de precisar visto a dimensão plural que Gog e Magog adquiriram no imaginário popular. No entanto, é notório frisar a aparição de Gog e Magog, o rei do Norte, no livro de Ezequiel 38:02 como aquele que se rebela contra o povo de Deus.

14 Idem, p. 70.

15 KRACAUER, 2009, p.132.



Esse pensamento da inteligência alemã, segundo Kracauer, sustenta-se de forma separada da experiência real dos homens, construindo no romantismo do pensamento abstrato, a possibilidade de uma efetivação política; pensamento que, na imersão em sua ideologia, fora capaz de ignorar a impunidade com o horror da guerra, tendo, assim, “muito mais afinidades com o barbarismo que com a razão.”¹⁶ Para Benjamin, somente uma linguagem verdadeiramente materialista é capaz de denunciar esse “sinistro feitiço da guerra” produzido pela ideia, ousando nomear as coisas por seu nome e redimindo-as do não saber, transpondo para a narrativa não a cópia descritiva do historiador, mas aquilo que no passado não pudera vir a ser contado precisamente porque não acedera a esfera no nome. Assim, a histórica narrativa distancia-se da narrativa histórica por saber dizer o passado sem confundir-se com ele, mantendo a distância crítica da elaboração.



16 Idem, p. 146.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. *Theorien des deutschen faschismus*, in: *Gesammelte Schriften*, Herausgegeben von Hella Tiedemann-Bartels, Frankfurt am Main: Suhrkamp Verlag, 1991.

_____. *Teorias do fascismo alemão*, in: *Obras escolhidas*. tr. Sérgio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOLLE, Wille. *Fisiognomia da metrópole moderna, Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: EDUSP, 2000.

Die Bibel nach Martin Luthers Übersetzung. Neu bearbeitet. Stuttgart: Biebelgesellschaft, 1985.

HEIDEGGER, Martin. *The Rectorate 1933/34: Facts and Thoughts*, in: *Martin Heidegger and National Socialism*, New York: Paragon House, 1990.

JÜNGER, Ernst. *A mobilização total*, in: *Natureza Humana - Rev. Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterapêuticas*, tr. Vicente Sampaio. São Paulo. vol. 4, 2002. pp. 189-216. Versão eletrônica acessada em: 27 de setembro de 2016.

KRACAUER, Siegfried. *Rebelião dos estratos médios*, in: *O ornamento da Massa*. tr. Carlos Eduardo Jordão Machado, Marlene Holzhausen. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

SCHMITT, Carl. *Theorist for the Reich*. Princeton: Princeton University, 2014.

SPEGLER, Oswald. *Der untergang des Abendlandes*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag. 1972.

_____. *O Homem e a Técnica*. tr. de João Botelho. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

* * *

10

ARAUJO, Robson Breno Dourado de. Ideologia alemã: a produção do mito na teórica do fascismo em W. Benjamin e S. Kracauer. **Kalagatos**, Fortaleza, v. 13, n. 27, 2016, p.3-10.

Recebido: 18/11/2016
Aprovado: 22/12/2016

